

Uma viagem das boas...

anamineira

Enquanto esperava o ônibus chegar, fiquei observando a turma do outro lado da rua, que, supostamente faria a excursão à Gruta de Maquiné.

Ao todo, eram dez . Muitas mochilas, batuques, bebidas e uma alegria contagiante.

A viagem estava marcada para as três horas da madrugada. Tínhamos um longo caminho pela frente, precisamente seis horas. Nisso chegou o ônibus, bem velhinho, poltronas furrecas, janelas pequenas, mas tudo bem!

Fazia um mês que sonhava com aquele passeio.

Dei um toque no maridinho e queria, de todo jeito, levar as meninas (uma com quatro e a outra com dez anos).

O passeio ia ficar baratinho, mesmo por que não tínhamos carro.

O maridinho topou e lá íamos nós quatro, felizes, sem saber direito o que teríamos pela frente, a não ser uma grande expectativa.

As crianças sentadas no nosso colo, as sacolas no porta-malas e achamos um lugarzinho para o lanche, na poltrona de Maria Isidoro (uma solteirona que aproveitou a viagem para pagar uma promessa a São Geraldo, em Curvelo).

A turma do barulho acomodou-se no fundo do ônibus.

Sentei-me, ajeitei as crianças e pensei: Agora é só fechar os olhos que o sono vem.

De repente, a batucada comeu solta.

A turma estava animada mesmo. Rolou até música de carnaval.

Tínhamos duas opções: Reclamar ou entrar no ritmo deles.

Optamos pela segunda.

Lá pelas tantas, as meninas aninharam-se no nosso colo e puxaram a palha.

A turma continuou animada, turbinada pela caipirinha.

Acordamos com o barulho da sirene de uma viatura de polícia que parou o ônibus para dar uma advertência.

É que a animação dos jovens batuqueiros ultrapassou o limite do ônibus, chegando a incomodar outros viajantes, inclusive os policiais, que estavam de plantão por aquelas bandas.

A alegria falou mais alto, o frango assado selou a paz entre os policiais e os batuqueiros.

Em Curvelo fizemos uma visita ao Santuário de São Geraldo e por voltas das dez horas chegamos ao nosso destino.

As meninas desceram do ônibus saltitando e nós também.

Nunca tínhamos entrado numa gruta. Só na Mina de Ouro, em Passagem de Mariana, mas não era uma gruta de verdade.

Compramos os ingressos e chegamos à entrada da gruta. Lembro-me do arrepio que senti ao dar de cara com tão linda obra da natureza.

Marcos ficou extasiado!

Claro! Amante da natureza como ele é!

Lembro-me, apesar da pouca idade, da curiosidade das meninas, do brilho dos seus olhinhos, ouvindo o guia contar tintim por tintim como se formaram os estalactites, os estalagmites, os fósseis dos animais pré-históricos, as pinturas rupestres, e cada detalhes dos salões (sete, ao todo).

Qual foi meu espanto ao me encontrar com a turma da batucada ao pé da gruta,todos sentados, bebendo suas cervejinhas, cantado sem parar.

---- Uai! Vocês não vão entrar para conhecer a gruta?

---- Que gruta que nada! A grana que a gente ia gastar pra entrar, juntamos e deu pra comprar mais cerveja, disse a Celeste.

Puxa vida! Não deu pra engolir aquilo. Dei o maior espalho e coloquei todo mundo pra dentro da gruta.

A volta foi mais calma, acho que a energia daquele lugar magnífico contagiou-nos, proporcionando um sono celestial.

Até hoje encontro a Celeste e ficamos relembrando a viagem.

Bem, ela morre de ri e eu mais ainda.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/uma-viagem-das-boas>